
Helena Cristina Duarte Cordeiro (2012)

Revisado por MHTF Lima 2014

A “Areopagitica” de Milton

Referência

SECLAENDER, Airton C. Leite. Surgimento das ideias essenciais relativas à informação: A areopagitica de Milton. **Revista da Faculdade de Direito USP**, v. 86, p. 190-211, jan./dez. 1991.

“Dai-me liberdade para saber, para falar e para discutir livremente, de acordo com a consciência, acima de todas as liberdades”. (John Milton)

John Milton



(09/12/1608 – 08/11/1674)

Foi um escritor inglês, um dos principais representantes do classicismo de seu país, e autor do célebre livro *O Paraíso Perdido*, um dos mais importantes poemas épicos da literatura universal. Foi político, dramaturgo e estudioso de religião.

Areopagitica

- Verão de 1641 - o Parlamento inglês temeroso com as muitas obras, falsas, escandalosas, subversivas e difamatórias impôs censura às publicações. Cerceou a criação de novos veículos e a divulgação de impressos. A Inglaterra das liberdades aproximou-se dos países europeus continentais submetidos à Inquisição.
- Texto primoroso: “Areopagitica” (1644) não o endereça especificamente ao Parlamento Inglês (destinatário real). Dirige a manifestação ao Areópago, o tribunal ateniense da Grécia clássica.
- O texto elaborado por Milton é **um clássico da liberdade de imprensa**, uma defesa singular deste elemento fundamental para a existência de sociedades livres. **Primeira obra a estabelecer claramente uma justificação da liberdade de informação.**

Areopagitica

Tratado que condena a censura à Imprensa da época. Na discussão contra a censura, defende que o indivíduo é quem deve julgar os escritos que chegam às suas mãos, pois o indivíduo deve possuir olhos críticos para o discernimento de sua leitura e para a decisão sobre ler ou não, Milton sugere uma escolha espiritual baseada na razão de cada indivíduo que pode vir a conduzi-lo em suas ações para o bem comum, numa forma de tornar a palavra como o fertilizante necessário para a busca de indivíduos mais conscientes. No combate à censura, Milton evoca a Divina Providência que deu ao homem “a razão, a liberdade para escolher, pois o que é razão senão escolha”.

Tema principal: inaceitabilidade da censura prévia

“Publicado em 1644, esse discurso, cujo tema principal era a inaceitabilidade da censura prévia, representou o **marco inicial** de toda uma longa e rica tradição de questionamento da legitimidade dos procedimentos utilizados pelos governantes para cercear a divulgação de informações e opiniões contrárias aos seus interesses.[...]em Areopagitica se encontra as raízes mais longínquas, tanto históricas quanto teóricas, do conceito moderno de direito à informação.”(p.191)

Condições favoráveis para se discutir a liberdade de informação

“A ideia de liberdade de informação tomou corpo, clara e distintamente, na Inglaterra do século XVII, por que nesta se reuniram condições extremamente favoráveis à sua geração.(...) haviam-se verificado, simultaneamente, o fenômeno da perda de prestígio das autoridades tradicionais e uma valorização crescente do indivíduo, esta última com base nas novas concepções religiosas e impulsionada pelas transformações ocorridas no seio da sociedade desde os tempos dos Tudor”(p.192).

“ Com efeito, sem tal superação não lhe teria sido possível conceber uma ideia de liberdade de informação digna deste nome, um conceito que se referisse a todas as pessoas independentemente de credo e que extravasasse do campo religioso para atingir igualmente os planos políticos e cultural, podendo nestes ter vida própria.[...] em Areopagitica o escritor exigiu o respeito à liberdade de informação **não apenas dos fiéis**, mas sim de **todos os homens**. As liberdades de expressão e de publicação, e a própria “liberdade de saber” (“*liberty to know*”) encaradas por Milton, por sinal, como meras facetas de uma mesma e única “*liberty*”- correspondiam assim, para ele, não a um direito decorrente da condição de cristão, mas a um direito do homem, logo de todos os homens.” (p.199)

Por que censurar os livros e os panfletos?

- “A formulação por John Milton de um conceito de liberdade de informação deu-se em uma época na qual os jornais ainda eram raros e pouco influentes, desempenhando tanto os panfletos e livros quanto as “newsletters” regularmente enviadas de Londres um papel fundamental na circulação de notícias. Não se deve estranhar, portanto, que a luta do escritor inglês por esta liberdade se tenha centrado antes no combate à censura dos livros e panfletos que na crítica à censura dos jornais - “a Imprensa”, para a Inglaterra de Milton, consistia tão somente em um meio de difusão de opiniões e informações, não em uma instituição ou um “quarto poder”.” (p. 200)

O sistema de controle de publicações

- “Até o ano de 1641,[...] vigorou na Inglaterra o **opressivo sistema de controle de publicações** criado pela rainha Elizabeth,[...] tal sistema se fundava em uma regulamentação restritiva destinada sobretudo a preservar a ordem e a uniformidade na Igreja e no Estado.[...] mais **um interesse, este de natureza econômica**, por trás das restrições impostas – **julgava-se conveniente proteger o monopólio dos vinte livreiros autorizados de Londres**, permanentemente ameaçados por elementos estranhos à sua corporação.[...] possibilitando, sem demandar despesas consideráveis, o acesso a um segmento do mercado então em expansão contínua, a edição e venda clandestina de livros constituía uma atividade bastante atrativa para os ingleses do século XVII.”(p.201)

A “Order”

- “ Em junho de 1643 a contradição interna do processo revolucionário inglês foi exposta claramente em uma “Order” através da qual se regulava a impressão de livros, panfletos e outros escritos. Determinando a prisão dos autores e impressores de obras não autorizadas bem como a apreensão das mesmas, a “Order” veio a restabelecer a censura prévia, propiciando aos presbiterianos meios legais para impedir a livre difusão de informações e de ideias.” (p.202)

“A atitude do longo Parlamento, embora nada representasse de incomum para a Europa de seu tempo, provocou enorme indignação em John Milton. [...] O que revoltava Milton, na verdade, era a constatação do profundo **divórcio** existente entre as práticas políticas da oligarquia presbiteriana e o que ele julgava ser o espírito da Revolução. Para o poeta e ativista puritano, a luta pelo respeito às liberdades religiosa e intelectual do povo inglês constituía a razão de ser de todas as mudanças que o seu país atravessava.” (p.202)

A problemática da liberdade de informação

- **“Com a obra de Milton, a problemática da liberdade de informação veio, por fim, a ocupar um lugar central no clássico debate sobre o segredo e a transparência no Estado, tendo, inclusive, alguns dos argumentos do escritor seiscentista assumido a condição de autênticos alicerces do que mais tarde viria a se consolidar como uma concepção liberal de direito a informação.”**
(p.203)

Apresentação dos cinco grupos das alegações de que posteriormente se aproximaria o Liberalismo, cada qual orientado por uma ideia distinta, sintetizando uma das linhas mestras da argumentação de Milton:

1) A censura prévia é expressão do desprezo pelos governados e da superestima da capacidade das autoridades e seus agentes

- A censura de algum modo se vinculava a um “menosprezo por toda pessoa instruída”, Milton se viu levado a concluir que todos os sistemas de licenciamento de livros e outros escritos se fundamentariam, em última análise, em juízo preconceituoso acerca da totalidade de governados, [...] O substrato ideológico da censura prévia consistiria, portanto, em uma presunção inadmissível – a de que existiria como que uma superioridade moral e intelectual das autoridades e seus agentes em relação ao homem comum. Em *Areopagitica*, Milton demoliu a concepção elitista que buscava legitimar o controle governamental sobre as publicações, investindo exatamente contra o que ele apresenta de menos sustentável: sua premissa de constituir o censor, por definição, uma criatura superior aos autores vigiados e a todos os supostos beneficiários das práticas tutelares do Estado.

2) A censura é essencialmente liberticida (mata a liberdade)

- Uma das táticas preferenciais de Milton em seus ataques à censura consistia em alertar seus leitores para os perigos que seriam ocasionados pela concessão, a uns poucos indivíduos, de um controle quase absoluto sobre a circulação de informações e opiniões dentro da sociedade.
- Se o censor é sempre um pretenso "protetor" da sociedade, a quem caberá, por sua vez, protegê-la contra ele? - eis uma pergunta que talvez sintetize bem muitas das preocupações expressas em Areopagítica. (Quem controla o censor?)

3) É a intolerância, e não a pluralidade de opinião, que enfraquece o Estado

- Autor de uma das primeiras apologias do pluralismo de que se teve notícias na Idade Média, o escritor seiscentista rejeitou taxativamente a tese de que a diversidade de opiniões constituísse um perigoso fator de enfraquecimento do Estado [...] a unidade eventual dos diferentes grupos religiosos e políticos de que se compunha uma nação livre parecia mesmo mais sólida que a unidade artificialmente introduzida pela uniformização forçada das crenças.

4) A censura prévia é ineficaz, considerados os fins a que se propõe

Os sistemas de controle de publicações seriam incapazes de atender à finalidade a que se propõem: a suspensão das heresias e da subversão, impedindo os governados de adotarem opiniões vistas como deletérias (venenosa). A ideia de que a censura prévia pudesse atuar eficazmente neste sentido resultaria, no fundo, de um superdimensionamento do poder de influência dos livros e escritos, sendo, portanto, totalmente infundada [...] o respeito aos bons costumes não poderia ser assegurado pela atuação de mecanismos estatais de controle – todos estes, inclusive a censura, seriam de todo impotentes para fabricar homens virtuosos, que só poderiam mesmo surgir onde imperasse a liberdade.

5) A censura prévia constitui um obstáculo ao avanço do conhecimento e à renovação das mentalidades

Representando imensos entraves à circulação de informações e opiniões, os sistemas de licenciamento de obras dificultariam o desenvolvimento do saber, acarretando a estagnação das mentalidades, o sufocar da vida intelectual e a redução de todos ao mais estúpido conformismo. Encarnações do obscurantismo, tais sistemas inviabilizariam o intercâmbio de ideias, praticamente impedindo as pessoas de confrontarem seus pontos de vista em um debate imprescindível para a consecução de explicações mais perfeitas e de um embasamento mais sólido das convicções de cada um. Assim sendo, a censura prévia constituiria uma barreira aos avanços do conhecimento, capaz mesmo de obter a própria busca da verdade.

Demasiadamente entretido pelas polêmicas acerca da liberdade de imprensa, o Liberalismo negligenciou, ao desenvolver um conceito próprio, um aspecto fundamental da problemática das relações entre informação e cidadania – a questão da existência ou não de um efetivo acesso dos governados à informação.
